



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAEL CARDOSO RODRIGUES

O MEDO E O RISÍVEL DA GUERRA FRIA REPRESENTADOS
NAS TIRAS DE MAFALDA E NO FILME DR. STRANGELOVE

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Arias Neto

LONDRINA
2010

RAFAEL CARDOSO RODRIGUES

**O MEDO E O RISÍVEL DA GUERRA FRIA REPRESENTADOS
NAS TIRAS DE MAFALDA E NO FILME DR. STRANGELOVE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de História
da Universidade Estadual de
Londrina.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel
Arias Neto.

LONDRINA 2010

Folha de Aprovação

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Arias Neto

Assinatura: _____

Membros da Banca

Prof. Dr. _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Assinatura: _____

O MEDO E O RISÍVEL DA GUERRA FRIA REPRESENTADOS NAS TIRAS DE MAFALDA E NO FILME DR. STRANGELOVE

RAFAEL CARDOSO RODRIGUES

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar tiras de Mafalda e o filme Dr. Strangelove buscando encontrar o medo da guerra fria de que uma guerra nuclear pudesse eclodir a qualquer momento. Pretende ainda salientar os aspectos risíveis de cada um.

Palavras-chave: 1 – Guerra fria; 2 – Mafalda; 3 – Dr. Strangelove.

ABSTRACT

The present work aims to analyze Mafalda comics and the film Dr. Strangelove trying to find the fear of the Cold War that nuclear war could erupt at any moment. It also aims to highlight the laughable aspects of each. It also aims to highlight the laughable aspects of each.

Keywords: 1 – Cold war; 2 – Mafalda; 3- Dr. Strangelove.

SUMÁRIO

I. Introdução.....	5
I.II. Sobre Mafalda.....	6
I.III. Sobre o filme <i>Dr. Strangelove or: How I learned stop worrying and Love the Bomb</i>	8
II. O medo de uma Guerra Nuclear representados em Mafalda e Dr. Strangelove.....	12
III. O risível em Mafalda e em Dr. Strangelove.....	17
IV. Considerações Finais.....	22
Bibliografia.....	23

1. Introdução

Este trabalho se propõe a analisar e contrapor duas formas de produção artísticas da Guerra Fria. As tiras da personagem Mafalda e o filme de Stanley Kubrick, *Dr. Strangelove or: How I learned stop worrying and Love the bomb* (no Brasil, com o título *Dr. Fantástico*). Ambos serão aqui tratados como fontes históricas, produções culturais de uma dada época e seu conteúdo evoca suas características.

Nesse sentido, será abordado através das fontes como se sentiam as pessoas durante a Guerra Fria, no tocante ao medo de uma guerra nuclear a extinguir a humanidade.

Tanto o filme *Dr. Strangelove* como as tiras de Mafalda refletem críticas à sociedade de seu tempo. Ambos são formas de arte humorística, embora estejam carregados de aspectos negativos de sua época, extraindo humor justamente do que havia de mais trágico aos olhos de todos. Daí a proposição de se analisar também os aspectos risíveis de cada um.

O uso de duas fontes nesse trabalho se justifica pelo horizonte que se abre perante à comparação de ambas. Enquanto o filme é uma produção inglesa, as tiras são de um autor argentino. A recepção das tensões da Guerra Fria foram sentidas de maneiras diferentes em cada um desses países, o que também se reflete nas obras. Dessa forma é possível abarcar as diferenças de como as tensões internacionais afetaram não apenas países desenvolvidos, mas também os em desenvolvimento. Por mais que países da América do Sul estivessem geograficamente afastados de uma possível linha de fogo entre Estados Unidos e URSS (que inevitavelmente atravessa a Europa), as pessoas sentiam-se ameaçadas pelos acontecimentos e pronunciamentos de governantes da época.

A Guerra Fria durou cerca de 45 anos e fez com que pessoas temessem a eminência de uma guerra nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética que certamente poria fim à humanidade. Em 1949, a URSS concluiu sua bomba atômica, e até a década de 70 a paz predominou, ainda que sob um forte clima de apreensão. Nesse período, houve embates bélicos contra terceiros, como a guerra da Coreia (1950 - 1953), guerra de Suez (1953 – 1956), do Vietnã (1965 – 1975) por exemplo.

Assim, a situação se manteve estável, por ambas as potências acreditarem na moderação uma da outra para travar uma guerra nuclear. Era certo que tanto Estados Unidos como URSS sabiam que caso eclodisse um embate nuclear direto, ambos seriam destruídos e o mundo inteiro sofreria as consequências.

César expõe a relação entre Estados Unidos e URSS como

"doutrina Mutual Assured Destruction (MAD - Destruição Mútua Assegurada). A

doutrina presume que qualquer dos lados tem armamento suficiente para destruir o outro lado, e caso seja atacado por alguma razão, retaliaria com força igual ou superior (...). O resultado esperado desse processo é (...) destruição total e assegurada de ambos os combatentes. Outro pressuposto da doutrina era o de que nenhum lado ousaria lançar o primeiro ataque (...). Seu resultado mais surpreendente foi a verificação de uma paz estável, não obstante tensa".¹

Portanto, o resultado dessa fase de ameaças mútuas foi um sistema internacional relativamente estabilizado. Observa-se nesse sentido um estado de paz não definitivo, uma vez que a motivação para guerra se fazia presente. Segundo Kant,

“Pois seria então um simples armistício, suspensão das hostilidades, não paz, que significa o fim de todas as hostilidades (...). A reserva de pretensões antigas que podem ser reclamadas no futuro, das quais nenhuma parte faria menção por ora, porque ambas estão demasiado extenuadas para continuar a guerra, pela perversa intenção de aproveitar a primeira oportunidade favorável para este fim, pertence à casuística jesuítica e está abaixo da dignidade dos regentes”.²

A citação de Kant é pertinente na medida em que durante a Guerra Fria a causa para a guerra existia, entretanto foi justamente a ameaça mútua de fazer uso de artefatos nucleares por parte dos governantes que evitou a guerra. O medo existente em relação às catastróficas consequências de uma guerra nuclear sempre evitou que se chegasse a tal ponto.

Entretanto, as discórdias e o esforço de cada uma das potências em manter sua zona de influência livre da outra eram constantes. No ocidente, os Estados Unidos utilizavam forte propaganda anticomunista, acusando os comunistas de terem ideais de expansão com objetivo de dominar o mundo.

I.II. Sobre Mafalda

Criada pelo cartunista argentino Quino, suas primeiras tiras publicadas são de 1963, em jornais da Argentina. Caracteriza-se pela forma de tiras cômicas, que pode ser definida como arte sequencial em quadrinhos, e busca criticar o cotidiano sócio-político. É de fácil entendimento, basta que o leitor esteja a par dos acontecimentos políticos recentes de

¹ CÉSAR, Luís Fernando Panelli - Tratado de Não-Proliferação Nuclear - TNP (1968) in MAGNOLI, Demétrio (org). História da Paz: os tratados que desenharam o planeta. Contexto, São Paulo, 2008. p. 395.

² KANT, Immanuel – À paz perpétua. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 14

sua sociedade. Seu foco são as relações entre as pessoas, e explicita as dificuldades vividas pela população, apontando tais problemas para as ações políticas. Incita o leitor a refletir sobre os costumes, a economia e a política de sua sociedade.

Em 1966 foi editado o primeiro álbum de Mafalda, ainda na Argentina, e suas tiras passam a ser publicadas em outros países da América Latina de língua espanhola.

Em 1968, foi traduzida para o italiano e em 1969 lançado o primeiro livro da Mafalda e de Quino na Europa (*Mafalda la Contestataria*).

Em 1970 chega ao Brasil, e no decorrer da década foi traduzida em outros países da Europa, como Portugal, Espanha, Alemanha, Suécia entre outros. Produziu-se ainda uma série de curtas animadas, transmitidas na Argentina a partir de 1973, quando Quino anunciou que não mais produziria tiras novas da personagem.

Em 1979 a editora Bompiani compilou todas as tiras da Mafalda em um único volume, intitulado *Tutta Mafalda*, editado no Brasil em 1991 pela editora Martins Fontes com o título *Toda Mafalda: da primeira à última tira*. Todas as charges presentes nesse trabalho foram encontradas no último referido título, 11ª edição, de 2009. Por esse motivo, as referências das tiras mencionam apenas a página onde se encontram no livro *Toda Mafalda: da primeira à última tira*, e não consta aqui o ano exato de publicação de cada charge. Deve-se ressaltar que este fato não deslegitima o trabalho, uma vez que as tiras são aqui tratadas como fontes da Guerra Fria, e toda a produção da personagem ocorreu nesse período.

Quino escreveu tiras de Mafalda no período entre 1963 e 1973, período no qual a Argentina teve uma conturbada trajetória política, encontrando-se sob a égide da ditadura militar desde 1955. Houve protestos, dois golpes de Estado, a perda da autonomia por parte das Universidades (o que fez com que muitos com formação superior deixassem o país, tema este presente nas primeiras tiras da Mafalda).

Mafalda é uma garota de 6 anos de idade. Sua personalidade é marcada pela indignação com relação à situação do país e do mundo. Tenta entender o porquê da guerra do Vietnã, a desigualdade social, critica os políticos. Entretanto, também é influenciada pela propaganda norte americana, e teme os chineses e o avanço do comunismo. Gosta dos Beatles e odeia sopa.

O pai de Mafalda trabalha fora como corretor de seguros e a mãe é dona de casa. Representam uma típica família de classe média argentina da época, e as mazelas sofridas pela parcela menos abastada da população aparecem quando Mafalda se depara com as pessoas que vivem nas ruas ou em casebres miseráveis. Suas reflexões a respeito ocorrem ao discutir o assunto com outros personagens, seja com sua família ou mesmo com amigos, que aparecem nas charges interagindo com Mafalda.

Filipe tem 7 anos. É preguiçoso, sonhador e gosta de histórias em quadrinhos.

Manolito, assim como Mafalda, tem 6 anos. Filho de dono de um armazém, ele sempre está fazendo propaganda do armazém do pai. Ele trabalha fazendo entregas e atendendo no caixa, entretanto não deixa de estudar. Seu grande sonho é se tornar dono de uma grande rede de supermercados. É fã de Rockefeller e detesta os Beatles.

Susanita também tem 6 anos. Susanita pertence à classe média, acredita que os pobres o são porque querem. Seu grande sonho é casar-se com um homem rico e ter filhos.

Miguelito é um pouco mais novo que Mafalda, mas as tiras não revelam sua idade. Sua personalidade é marcada pelo egocentrismo.

Guile é o irmão mais novo de Mafalda. É o único personagem que cresce. Em suas primeiras tiras aparece como recém nascido, depois vai aprendendo a andar e falar.

Liberdade é o último personagem a aparecer. Apesar das tiras não revelarem a idade de Liberdade, fica claro que ela é a mais velha entre as crianças, e a mais baixa. Suas tiras fazem menção a essa ironia, do seu nome e idade, em contraposição ao seu tamanho. Ela é filha de um escritor e de uma tradutora de livros franceses, e é ainda mais radical que Mafalda.

I.III. Sobre o filme *Dr. Strangelove or: How I learned stop worrying and Love the bomb*

O filme foi lançado no ano de 1964, dirigido por Stanley Kubrick, com roteiro do próprio Kubrick em parceria com Terry Southern e Peter George, baseado no livro de Peter, George *Red Alert* (publicado na Inglaterra em 1958).

Stanley Kubrick interessava-se pelo tema da Guerra Nuclear. Em suas pesquisas para realização de um filme em que uma bomba nuclear era lançada, foi apresentado ao livro de Peter George, *Red Allert*. O livro foi lançado em 1958 na Inglaterra, e Kubrick o leu em 1961. Esse foi um período tenso, pois as superpotências estavam divulgando a cada dia novos artefatos de destruição em massa. Os Estados Unidos chegaram a realizar testes com bombas de 15 Megatons³, e seus bombardeiros estavam carregados com bombas de 24 Megatons. A URSS chegou a realizar um teste com uma bomba de 50 Megatons, dizendo que poderia chegar a 100. Quando os Estados Unidos referiram-se à inviabilidade de se usar uma bomba

³ Cada Kilotom equivale a mil toneladas de dinamite. Um megatom equivale a um milhao de toneladas de dinamite. A bomba lançada sobre Hiroshima em 1945 possuía 12,5 Kilotons. A bomba testada portanto era 4000 veezs mais destrutiva que a bomba lançada em Hiroshima.

de tal magnitude em uma ação real, os russos garantiram que seus foguetes, como o que levou Yurin Gagárin ao espaço, poderiam transportar bombas de 100 Megatons ⁴.

A tensão entre as superpotências no período proporcionou o sucesso da obra de Peter George. Os personagens do livro são os mesmos do filme, com a exceção do próprio Dr. Fantástico (*Dr. Strangelove*, o nome do personagem é o mesmo do filme), que foi composto para o filme. Seu livro conta como um general com uma doença terminal ordena o lançamento de bombas atômicas na Rússia. O avião é abatido e a bomba não realiza uma explosão completa. Como veremos, o filme de Kubrick tem um final mais pessimista, mas o que ambos tem em comum é um medo que um dos cientistas responsáveis pela criação da bomba atômica, Leo Szilard, supunha: Uma bomba de cobalto que poderia desencadear o fim do mundo. Jornais e revistas da época, de ambos os lados, divulgavam os avanços tecnológicos das armas, que aumentavam seu potencial e diminuía seus custos, e seus líderes eram apresentados em imagens destacando o poderio atômico.

O filme supõe uma situação limite da Guerra Fria, na qual os Estados Unidos mantêm bombardeiros B-52 em vôo 24 horas por dia sobrevoando países aliados, numa região que vai do Golfo Pérsico ao Oceano Ártico. Em qualquer ponto que estivessem, os aviões alcançariam Moscou em duas horas de vôo. Tal medida tem caráter coercitivo, e possibilita aos Estados Unidos responder prontamente, com ataques nucleares, qualquer ação militar russa.

Apesar de o único com autoridade para ordenar um ataque nuclear ser o presidente, o personagem General Jack D. Ripper⁵ utiliza deliberadamente uma manobra estratégica prevista pelo exército americano, que permite a um general ordenar um ataque nuclear caso o presidente viesse a morrer com um ataque nuclear inimigo sem aviso prévio. Tal manobra deveria ser usada apenas como retaliação, mas o General Ripper desrespeita o protocolo e passa por cima da autoridade do presidente, ordenando aos aviões que atacassem.

Os aviões invadem o espaço aéreo russo, cujas tripulações acreditavam que os Estados Unidos já haviam sido atacados por ogivas nucleares russas, pois de outra forma não teriam recebido a ordem de ataque vinda de um General.

Ao se dar conta do que está acontecendo, o alto escalão militar americano se reúne no Pentágono junto ao presidente americano, Merkin Muffley.

⁴ SMITH, P. D. Os homens do fim do mundo: o verdadeiro dr. Fantástico e o sonho da arma total. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 442.

⁵ O nome do personagem é uma referência a Jack Reaper, que ficou conhecido no Brasil como Jack estripador.

Aqui deve-se destacar um general presente na reunião, General Tergerson. É ele quem expõe a situação para o presidente Muffley, além de salientar as vantagens bélicas conquistadas pelos Estados Unidos, caso a missão tivesse sucesso.

Tergerson salienta a impossibilidade de comunicação com os aviões, uma vez que, dada a ordem, os aviões mudam as frequências dos rádios comunicadores para frequências secretas, conhecidas apenas pelo General Ripper, que enviou as ordens de ataque.

Também atentou para a impossibilidade de conversar com o General Ripper, que colocou sua base militar em alerta após ter dado a ordem de ataque. A única forma de comunicar-lhe seria invadir a base militar na qual ele se encontrava.

O presidente Muffley então ordenou que a base de Ripper fosse invadida. Para não passar as informações necessárias para enviar a ordem de cessar fogo, Ripper comete suicídio.

O presidente Muffley então ordena a presença de outra pessoa na reunião do Pentágono: o embaixador russo Alexi deSadesky. Com a presença do embaixador, foi possível estabelecer uma ligação telefônica com o Premier russo, Dimitri (que está alcoolizado e ouvindo música alta).

Muffley expõe a situação de perigo para Dimitri. Muffley diz que vai ajudar a Rússia a parar o ataque, derrubando os aviões ou repassando informações a respeito do exato paradeiro e alvo dos mesmos, para que a Rússia pudesse abatê-los.

Então o embaixador Alexi deSadesky conversa com o Premier por telefone. Nessa conversa, o Premier revela ao embaixador que a Rússia já possuía a arma do Juízo Final (*The doom's day machine*, no original).

Tal arma está programada para disparar automaticamente todas as ogivas nucleares russas, se algum ponto da Rússia fosse atacado, atingindo diversos pontos do planeta. A arma do Juízo Final destruiria toda a vida na Terra, pois como consequência da explosão, o planeta seria coberto por um manto radioativo do juízo final (*doom's day shroud*), que obstruiria a luz solar durante 93 anos. A arma não necessitava ser operada por ninguém, tampouco podia ser desativada. Simplesmente responderia automaticamente a qualquer ataque nuclear sofrido pela Rússia.

É quando finalmente aparece no filme o personagem Dr. Strangelove (traduzido no Brasil como Dr. Fantástico). Muffley não acredita a princípio que pudesse existir uma arma como essa, e pergunta então ao Dr. Strangelove se isso seria possível.

O Dr. Strangelove é o responsável pela criação de armamentos americanos. Ele precisa de uma cadeira de rodas, e tem paralisia no lado direito o corpo. O braço direito é

mecânico, e usa uma luva preta na mão direita. O personagem é alemão, e trabalhou para o exército nazista durante a segunda guerra mundial. Isso fica claro nos diálogos entre Dr. Strangelove e o presidente Muffley, pois o Dr. Strangelove não raro se dirige ao presidente Muffley como *Führer*. Outra evidência é o fato de a mão direita do personagem realizar involuntariamente o cumprimento nazista, o braço e a mão direita esticados a frente, ao se dirigir ao presidente norte americano.

O Dr. Strangelove então explica que sim, pois a tecnologia está à disposição e o único pré requisito seria a vontade de fazê-la. Entretanto, o Dr. Strangelove explica que o propósito da arma do Juízo Final é estratégico. Uma vez pronta, a Rússia deveria ter revelado ao mundo que a tinha. Afinal, tal aparato serve para evitar ser atacado por qualquer inimigo, pois ninguém vai querer desencadear uma arma que traria a destruição a todos.

Diante da gravidade da situação, Muffley confirma a ordem para abater os bombardeiros. Entretanto, um dos bombardeiros é atingido, mas não é abatido, e obtém sucesso em sua missão. Ao ser atingido, o avião começa a voar em baixa altitude, para não ser captado pelos radares. O filme termina com a arma do Juízo Final cumprindo o seu propósito, enquanto os homens reunidos no Pentágono elaboram uma estratégia de sobrevivência e reprodução controlada. É o próprio Dr. Strangelove quem sugere a criação de colônias nas minas mais profundas, onde a radiação não alcançaria. E seria possível utilizar a própria energia nuclear para manter tais colônias durante o período em que a Terra estivesse tomada pelo manto radioativo deixado pela Arma do Juízo Final.

Este resumo do filme faz-se necessário para tornar o trabalho inteligível. No decorrer do mesmo, trechos do filme serão abordados, e sem esta explanação o leitor teria dificuldades em entender o texto, caso não tenha assistido ao filme.

Para análise do filme, será adotada a perspectiva de Vanoye e Goliot-Lété:

“A hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que um filme sempre “fala” do presente (ou sempre “diz” algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção. (...) Em um filme, qualquer que seja seu projeto (descrever, distrair, criticar, denunciar, militar), a sociedade não é propriamente *mostrada*, é encenada. (...) pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa. (...) Reflexo ou recusa, o filme constitui um *ponto de vista* sobre este ou aquele aspecto do mundo que lhe é contemporâneo. Estrutura a representação da sociedade em espetáculo, em drama (no sentido geral do termo), e é essa estruturação que é objeto dos cuidados do analista”.⁶

⁶ VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas: Papirus, 1994. p. 55 e 56. Grifos no original.

Tais observações são pertinentes por demonstrarem claramente como um filme pode ser encarado como documento histórico. No caso de *Dr. Strangelove*, temos a encenação da sociedade (nos termos da citação acima, o filme trata como o embate ideológico dos Estados Unidos e da União Soviética estava diretamente relacionado à corrida armamentista, e o medo real que as pessoas tinham de que essas armas fossem usadas de forma indevida, ocasionando até mesmo o fim do mundo), ao mesmo tempo em que transparece a recusa, no sentido de criticá-la. O filme é uma comédia de humor negro, e está carregado de elementos irônicos, como será mostrado no decorrer do trabalho.

II. O medo de uma guerra nuclear representados em Mafalda e Dr. Strangelove

Este capítulo estuda o medo existente na época, de que uma guerra nuclear pudesse destruir completamente a vida na Terra. A partir da análise de três tiras de Mafalda e do filme *Dr. Strangelove* de Stanley Kubrick será possível abarcar essa questão.



Fig. 1

Na figura 1, Mafalda explicita a o medo da existência de armas com capacidade para aniquilar a vida no planeta. Além disso, ela ainda alude ao fato de que as pessoas não tem total autonomia para determinar o curso de suas vidas. Nesse caso, a preocupação de Mafalda se volta não apenas às ogivas, mas aos homens que podem determinar se essas bombas serão usadas ou não.



Fig. 2

O mesmo aparece na figura 2, onde classifica o medo da guerra não nuclear como "um medinho à toa". Entretanto, ela se refere a uma época em que não existiam artefatos nucleares. O medo da guerra era presente, mas uma guerra onde o mundo inteiro pudesse ser destruído era impensável.



Fig. 3

A figura 3 trabalha justamente essa idéia. Mafalda, ao olhar um *poster* do Paternon na Grécia Antiga, comenta sobre as ruínas na imagem. Pondera sobre o futuro, que está por construir, portanto não há ruínas. Em seguida, se mostra claramente incerta a respeito. O medo da guerra nuclear se faz presente, e afeta a perspectiva da personagem em relação ao futuro do planeta.

A imagem da época retratada pela personagem Mafalda evidencia o medo presente nas pessoas, e nesse ponto, a imagem passada por Mafalda converge com o filme analisado. O filme *Dr. Strangelove* põe em cheque a confiabilidade depositada nos homens que detém o dedo no botão nuclear. O filme de Stanley Kubrick demonstra através do personagem General Tergerson o fanatismo presente na hierarquia do exército norte americano. Para o personagem, não importavam as vidas que seriam perdidas com a explosão da bomba. Seu pensamento centra duas questões: a importância estratégica e superioridade

bélica conquistada pelos Estados Unidos mediante o êxito da missão e a habilidade do piloto em manter o curso do avião em altitude abaixo do sensor do radar.

Tergerson aparece como um fanático. Alguém que vê apenas o lado estratégico das armas nucleares, sem se importar com o estrago causado pelas mesmas. Fica claro como os ideais militares do personagem não permitem que ele enxergue o horror conseqüente do uso das ogivas. Para ele, as vidas perdidas fazem parte da guerra. Em suas falas, o personagem tenta demonstrar ao presidente as vantagens de levar adiante o que o General Ripper começou de maneira inconseqüente. Tergerson diz que caso sigam adiante, poderiam destruir 90% do arsenal nuclear russo, e ainda ficar com uma boa reserva de ogivas. Tal empreitada resultaria, segundo o general Tergerson, em cerca de 20 milhões de civis mortos, desde que os ataques fossem devidamente coordenados. Caso contrário, a Rússia responderia com suas ogivas, e esse número poderia chegar a 150 milhões. Muffley salienta que restam outras opções, mas Tergerson acredita que é uma oportunidade única de acabar com o poderio nuclear russo, e sua postura deixa claro que, para ele, 20 milhões de mortos seria um preço insignificante a ser pago.

A situação se agrava ao levar em consideração que, no filme, uma arma de destruição total estava em uso. O fanatismo do General Tergerson não se abala nem mesmo ao saber que a vida no planeta inteiro seria extinta caso o piloto obtivesse sucesso.

É possível estabelecer uma relação entre as perspectivas presentes nas tiras de Mafalda acima e no filme. A idéia de que a vida de todos pudesse acabar com a decisão de pessoas trancafiadas em salas de estratégias ou em quartéis gerais, sem aviso prévio (e de sanidade questionável, como é o caso do personagem General Jack Ripper, que deu a ordem para o ataque) amedrontava as pessoas. Tanto os questionamentos de Mafalda quanto os personagens do filme *Dr. Strangelove* são resultado de questionamentos presentes na época.

Thompson demonstrou preocupação no tocante aos homens que decidem sobre o uso de armas nucleares.

“Em tal situação tão facilmente detonável, a própria noção de opções “políticas” se torna cada vez mais implausível. As pessoas que decidem não serão um presidente ou um primeiro ministro (talvez inacessíveis no momento da emergência), mas um pequeno grupo de técnicos militares, cujo treinamento e racionalidade totais são os da guerra e que por nenhum argumento plausível podem ser considerados representantes dos interesses racionais de qualquer formação política ou econômica.”⁷

⁷ THOMPSON, Edward P. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 25.

A Segunda Guerra Mundial terminou com o mundo dividido entre duas superpotências, EUA e URSS, cada qual com sua zona de influência. A corrida armamentista ganhou força, e a URSS alcançou o seu intento, adquirindo a bomba atômica em 1949. Em 1953, os EUA criaram a bomba de hidrogênio, seguidos pelos soviéticos nove meses depois.

Os Estados Unidos preocupavam-se com a possibilidade de mais países aderirem ao comunismo. Segundo Hobsbawn no imediato pós guerra, os Estados Unidos viam os países europeus como povos arrasados, onde poderiam irromper revoluções sociais e estabelecerem-se “políticas econômicas incompatíveis com o sistema internacional de livre empresa”⁸. Entretanto, para Hobsbawn o medo da guerra era infundado, uma vez que nenhuma das duas superpotências intervinha na zona de influência de seu opositor. Mesmo em 1965 o historiador Isaac Deutscher fazia afirmações semelhantes:

“O que as pessoas não compreendiam, o que os Governos não lhes comunicavam, era que, desses dois colossos, um – o americano – emergiu da Segunda Guerra Mundial com vigor e força total (...) enquanto o outro colosso – o russo – jazia quase aniquilado, sangrando profusamente por todas as feridas”.⁹

Mesmo inserido no contexto da Guerra Fria, Deutscher percebeu que a ameaça da guerra nuclear era infundada. Nos acordos de Yalta e Teerã em 1945, os governantes da Grã Bretanha, Churchill, Estados Unidos, Roosevelt, e Rússia, Stalin, reuniram-se e dividiram o mundo em zonas de influência. Portanto Stalin conseguiu concessões para exercer influência em determinadas partes do mundo, e não tinha força suficiente para expandir-se além disso, e sua estratégia foi a de não ceder mais nenhuma concessão. Ainda segundo Deutscher, os Estados Unidos e Grã-Bretanha tencionavam restringir o território soviético ao que era antes da segunda guerra mundial. Suas intenções não se concretizaram, pois a distribuição de quem exerceria influência sobre qual região foi definida em acordos pacíficos. Stalin apenas insistiu nos termos do acordo, e os outros nada puderam fazer.

Os estudos de Hobsbawn convergem com os de Deutscher nesse sentido. Hobsbawn salientou que os acordos ocorreram quando as forças soviéticas eram essenciais para derrotar a Alemanha e o Japão, e foram esses acordos que cederam à Rússia o *status* de potência mundial.¹⁰

⁸ HOBBSAWN, Eric J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Schwarz, 1998. p. 228.

⁹ DEUSTCHER, Isaac. Os mitos da Guerra fria in HOROWITZ, David (org). Revolução e repressão. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p.15.

¹⁰ HOBBSAWN, op. cit. p. 231.

Esses pontos da análise demonstram a improbabilidade de eclodir uma guerra nuclear entre as duas potências. Uma coisa, no entanto, era certa: o medo de que ocorresse era presente. Para Hobsbawm isso ocorreu porque tanto os EUA como a URSS defendiam uma ideologia, e ambos os regimes demonizavam um ao outro, embora atribua aos EUA o tom apocalíptico da guerra fria. Por ser uma democracia, o governo americano precisava angariar votos. Daí a necessidade de uma massiva propaganda anticomunista, facilmente aceita em uma sociedade capitalista e com ideologia patriótica fortemente arraigada, e os EUA assumiram uma postura agressiva.

A necessidade de uma corrida armamentista aumentou, e cada vez mais surgiram pessoas e aparatos militares, nucleares ou não, com o objetivo de se preparar para a guerra. Tal empreitada contaminou os aliados de cada potência, que compravam seus aparatos militares, com exceção das armas nucleares, que não eram oferecidas para venda.

Deutscher ainda chama a atenção para outro fator. Os EUA faziam enorme propaganda quanto à sua superioridade bélica nuclear. Anunciaram que a Rússia não podia fabricar a bomba porque não possuíam plutônio em seu território; depois, porque não sabia como construir um reator nuclear; em seguida, afirmavam que não conseguiria fabricar a bomba em quantidade suficiente para ameaçar os EUA. Segundo Deutscher, a Rússia foi derrubando cada uma dessas afirmações, e o lançamento do *Sputnik* em 1957, primeiro satélite artificial construído, foi a cartada final que restava para semear o medo no Ocidente.

Portanto, mesmo que a análise racional da situação política comprove a impossibilidade da Guerra Nuclear na época, o medo das pessoas se justificava por outros motivos.

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer concluiu que o mundo é a representação do sujeito que o vê. Para ele, a realidade é a percepção do ser pensante e, por isso, representação. Se essas obras expressam medo de algo terrível na época, é porque os sujeitos que as criaram perceberam o mundo dessa forma, ao mesmo tempo que o público consumidor se identificava com a idéia transmitida pelas obras. Por isso, em virtude do que foi apresentado, a guerra de fato não eclodiu, mas o medo existia, e era real pelo fato de as pessoas o sentirem.

III. O risível em Mafalda e em Dr. Strangelove

Conforme apresentado no trabalho, o quadro mundial não trazia as melhores perspectivas para as pessoas. Entretanto, ainda assim foi possível extrair humor desse tenso cotidiano.

Segundo Bergson, o riso só é possível quando a emoção é afastada:

“O cômico parece só produzir o seu abalo sob condição de cair na superfície de um espírito tranqüilo e bem articulado. A indiferença é o seu ambiente natural. O maior inimigo do riso é a emoção. (...) Portanto, o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. Ele se destina à inteligência pura”.¹¹

Portanto, por mais que as pessoas estivessem envolvidas em uma situação amedrontadora, elas podiam se afastar desse sentimento em tais obras. Tanto os autores quanto os seus respectivos públicos puderam se abster do medo que sentiam para, em um dado momento, lançar apenas o olhar racional sobre a situação. Dessa forma era possível rir de si mesmo, por mais trágica que estivesse a realidade.

Outro traço marcante de ambas as obras é a ironia. A ironia é necessariamente pessimista, e nasce nas contradições do indivíduo ou da sociedade. Portanto, qualquer um que tenha ciência dessas contradições é capaz de enxergar também a ironia. Segundo Minois

“o pessimismo não tem nada a ver com a situação social nem física do indivíduo. É possível ser rico e pessimista. Para isso, basta ter consciência aguda das contradições do ser, das desarmonias ocultas. A ironia é individualista e anti-social, já que indica, necessariamente, um retrato do mundo”.¹²

Pelo seu caráter pessimista, a ironia só pode tratar de algo trágico. No contexto da Guerra Fria ela cumpre exatamente o papel explicitado por Minois, de um “retrato do mundo”, e ao mesmo tempo em que ridiculariza as mais tensas situações da política internacional, tornando-as risíveis, cumpre também outro intento, de obrigar “a imoralidade a sair do esconderijo, imitando seus defeitos, provocando-os, parodiando sua hipocrisia”¹³. O risível aparece na medida em que ficam explícitos os interesses de cada uma das superpotências. Se após os encontros de Yalta e Teerã, Roosevelt e Churchill cederam territórios onde Stálin podia exercer influência, e após terminada a Segunda Guerra Mundial queriam fazer com que ele retornasse ao estágio em que se encontrava antes desses acordos, não podiam demonstrar abertamente. A ironia, ao contrário, não tem preocupação no sentido de demonstrar o que está oculto. Ao contrário, é parte de seu papel, é característico de sua natureza.

¹¹ BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 6 – 7.

¹² MINOIS, Geroges. História do riso e do escárnio. São Paulo: editora UNESP, 2003. p. 568.

¹³ Op. cit. p. 570.

Entretanto, a ironia em Mafalda é diferente da ironia em *Dr. Strangelove*. Segue como exemplo a tira abaixo:



Fig. 4

Se pensada enquanto um “retrato do mundo”, a ironia está presente na tira. Mafalda lê o jornal, um artigo tratando sobre a evolução das armas inventadas pelo homem. O jornal alude a um aspecto positivo das armas, tratando do que há de mais avançado na tecnologia da época. Esse era o discurso utilizado pelos Estados Unidos para se afirmar enquanto potência mundial. Sua propaganda fazia questão de demonstrar a superioridade bélica em relação ao seu antagonista, e aludia a isto como um fator positivo. O governo americano adotou um discurso de heroísmo, justificando os exorbitantes gastos com a corrida armamentista para garantir a segurança e a liberdade de todo o Ocidente, contra o avanço do maléfico socialismo. Em contrapartida, a tira apresenta uma situação bem diferente. O jornal que Mafalda lê diz que “desde o arco e flecha até os mísseis teleguiados, é surpreendente o quanto evoluiu a técnica”. O arco e flecha é uma arma utilizada desde a época da Antiguidade e por toda a Idade Média, quando as guerras ocorriam declaradamente (porém, evidentemente, não exclusivamente) por expansão territorial. Ao pensar que “É deprimente o pouco que mudaram as intenções”, a tira está se referindo à época em que o arco e flecha era utilizado. Refere-se, portanto, a uma época em que as guerras ocorriam por motivos muito distintos dos motivos presentes no discurso norte americano, e a declaração de Mafalda no último quadrinho deixa claro que, para ela, os reais interesses dos países que detém armas de destruição em massa estão longe dos interesses demonstrados em seus discursos. A ironia cumpre o seu papel, retratando o mundo, explicitando sua hipocrisia e tornando a situação risível.

Agora segue a transcrição de um diálogo do filme *Dr. Strangelove*, em que o Presidente Muffley conversa com o Embaixador russo Alexi deSadesky, no momento em que o embaixador revela a existência e a funcionalidade da Máquina do Juízo Final. O Presidente se mostra indignado quanto à existência da máquina, e pergunta:

“Presidente Muffley – Que Loucura! Por que construíram algo assim?”

Embaixador Sadesky – Alguns foram contra. Mas no fim não tínhamos como pagar a corrida espacial e a corrida pela paz. E o nosso povo queria meias de nylon e máquinas de lavar roupa. O custo da Máquina foi uma fração dos custos dessas coisas em um só ano. O fator decisivo foi saber que seu país estava trabalhando em algo semelhante e tememos um hiato no juízo final.

Presidente Muffley – Isto é um absurdo! Jamais aprovei isto!

Embaixador Sadesky – Nossa fonte foi o *New York Times*!”



Fig. 5. A imagem é do filme *Dr. Strangelove*, da cena cuja foi transcrita o diálogo acima. À esquerda da foto, tendo como referência a esquerda do leitor, o ator *Petter Bull*, no papel do embaixador *Alexy deSadeski*. À direita, o ator *Peter Sellers* no papel do *Presidente Muffley*. E ao centro, o ator *George C. Scott* no papel do *General Tjerkus*.

No caso do diálogo transcrito, diferente de *Mafalda*, os personagens adotam os discursos das superpotências. Ao declarar que os custos para construir a máquina do juízo final foram uma fração para alavancar a economia ou concorrer à corrida espacial, a ironia aparece de maneira sutil. O que está posto é o fato de que construir armas com capacidade para destruir toda a vida no planeta é mais barato do que tentar manter a economia de um país. E de fato, embora a população russa vivesse em crise econômica nas décadas que sucederam a Segunda Guerra Mundial, a Rússia ainda assim investiu largamente na pesquisa e produção de bombas atômicas. Isso para buscar se manter firme no quadro internacional enquanto uma potência. Pouco importava sua situação econômica, desde que a Rússia também tivesse bombas nucleares. Seu poder de persuasão ao

ameaçar usar as ogivas era tão grande quanto dos Estados Unidos, ainda que os Estados Unidos possuíssem mais ogivas.

Outro ponto em que a ironia se faz presente nesse diálogo, e é recorrente em outros trechos do filme, é o fato de o Presidente Muffley ser alguém desinformado e que não detém as rédeas do seu governo tanto quanto deveria. Ao declarar que jamais havia aprovado a construção de uma arma como a Máquina do Juízo Final, o embaixador de Sadesky disse que a fonte dessa informação havia sido o *New York Times*. Este é o jornal de maior circulação nos Estados Unidos, e o fato do Presidente Muffley não ter se dado conta de algo que o *New York Times* publicou, é porque ele não o lê, tampouco tem controle sobre o que os membros do governo declaram abertamente para a imprensa.

Segundo Bergson outro elemento determinante do risível são os gestos.

“Entendo aqui por *gestos* as atitudes, os movimentos e mesmo o discurso pelos quais um estado de alma se manifesta sem objetivo, sem proveito, pelo efeito apenas de certa espécie de arrumação interior. O gesto assim definido difere profundamente da ação. A ação é intencional, ou pelo menos consciente; o gesto escapa, é automático”.¹⁴

Os gestos, nesse sentido, tem presença marcante em *Dr. Strangelove*, no tocante ao personagem que dá nome ao filme. Meticulosamente constituído para ser uma sátira da época, o personagem Dr. Strangelove possui várias características que são referências a cientistas e personagens de ficção da época. O fato de ser alemão é uma alusão ao cientista Wernher von Braun. Cientista a serviço do exército nazista durante a Segunda Guerra Mundial, a equipe de von Braun foi a responsável pelo desenvolvimento dos mísseis V-2. Esses foram os primeiros mísseis de longa distância inventados. Produzidos em larga escala pelo exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial, foram os responsáveis pela destruição de Londres durante a Segunda Guerra. Ao final da Segunda Guerra Mundial, von Braun foi trabalhar para o exército norte americano, e levou consigo sua equipe inteira, composta por mais 126 cientistas, todos alemães que trabalharam para o exército nazista, e receberam cidadania estadunidense. Em seu livro *Os homens do fim do mundo* Smith cita várias dessas referências¹⁵, que vão desde o sotaque do personagem até mesmo à sua cadeira de rodas e a desobediente mão mecânica.

¹⁴ BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p.68. grifo no original.

¹⁵ SMITH, P. D. Os homens do fim do mundo: o verdadeiro dr. Fantástico e o sonho da arma total. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 458 – 460.



Fig. 6. *Cena do filme Dr. Strangelove. O personagem Dr. Strangelove, também interpretado por Peter Sellers, no momento em que sua mão direita executa o movimento de “Heil Führer” involuntariamente para o Presidente Muffley.*

Seu discurso frio referente à bomba são também alusivos a cientistas reais da época do pós guerra, mas seus gestos são involuntários – o cumprimento nazista e o ato de o Dr. Strangelove referir-se ao Presidente Muffley como Führer – que carregam elementos cômicos. Segundo Bergson,

“Trata-se do automatismo. (...) só é essencialmente risível o que se faz automaticamente. Num defeito, até mesmo numa qualidade, a comicidade está no fato de que o personagem faz, à sua revelia, o gesto involuntário e diz a palavra inconsciente. Todo desvio é cômico. E, quanto mais acentuado, mais sutil será a comédia”.¹⁶

O gesto realizado pelo personagem é bem evidente, entretanto a comédia de fato se dá de maneira velada. O fato de alguém realizar o cumprimento nazista para o presidente dos Estados Unidos é tao chocante que é difícil perceber a comédia presente. Mais uma vez é

¹⁶ BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 69.

necessário afastar as emoções e deixar que o racional aja para perceber o risível. Segue a transcrição do que dizia o Dr. Strangelove no momento retratado pela Figura 6, em que ele realiza involuntariamente o gesto. É a passagem em que o Dr. Strangelove está explanando seu plano para sobrevivência da espécie humana à Arma do Juízo Final, em que ele fala dos critérios de seleção para se decidir as pessoas que devem ser escolhidas para proteger-se nas minas. Propõe que um computador seja programado para decidir que as pessoas fossem escolhidas

“ (...) por fatores como juventude, saúde, fertilidade, inteligência e uma gama de habilidades necessárias. Claro que seria vital que nossos líderes políticos e militares fossem incluídos para alimentar e ensinar os princípios de liderança e tradição”.

É no final dessa frase que o personagem realiza involuntariamente o gesto. Aqui a ironia é um agente fundamental, juntamente com o gesto. Os princípios de liderança e tradição que já então apregoavam os Estados Unidos (que dizem se basear em ideais de liberdade, democracia e igualdade, por exemplo) são bem diferentes dos princípios extremistas do nazismo, expressos através do gesto involuntário do personagem. Bastou mencionar as palavras “liderança e tradição”, e imediatamente o personagem revela, involuntariamente, o que de fato se esconde em seu discurso. Mais uma vez a ironia age de maneira a explicitar aquilo que estava oculto.

IV. Considerações finais

As análises das fontes possibilitaram alcançar os objetivos do trabalho. Ficou claro como o medo de uma guerra nuclear afetou as pessoas e como esse processo se apareceu nas obras. A maneira como jornais e revistas da época discutiam o assunto, a intensidade das discussões dos governantes das superpotências fomentavam as tensões durante a Guerra Fria.

Foi possível perceber de onde é extraído o riso nas obras. A ironia, presente em ambos, cumpriu seu papel. Escancarou as intenções de cada lado, que era evidentemente se sobrepôr ao outro em influência mundial.

Muito embora a Guerra Fria tenha acabado, ainda existe a Doutrina MAD. A quantidade de artefatos nucleares existentes no mundo aumentou esponencialmente, e além de países, hoje existe a preocupação de que essas armas venham a cair nas mãos de terroristas. Diferente de uma nação, um grupo terrorista não pode ser acuado ou coagido a

não utilizar uma arma, seja ela qual for. Enquanto uma nação possui seu território e sua população, um grupo terrorista nada tem a perder. Afinal, onde poderia se lançar bombas para responder ao ataque terrorista? Impossível dizer, justamente por não possuírem um território.

Em 1968 foi assinado o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, o TNP, entrando em vigor em 1970. Entre seus termos, está a proposição de que os países membros que não possuem armas nucleares não venham a desenvolvê-las, e os que possuem, devem gradativamente abrir mão de tais artefatos. Na prática, entretanto, o que se viu foi que o TNP segregou os países participantes em aqueles que podem e aqueles que não podem possuir ogivas nucleares. Atualmente, apenas 4 países não compõem o TNP: Índia, Israel, Paquistão e Coreia do Norte. O clube de nações detentoras de ogivas tem compromisso único com sua própria segurança e, enquanto não abrirem mão de suas ogivas o perigo de usarem essas armas continuará existindo.

Bibliografia

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983

BITENCOURT, Marta Moraes. As ponderações da Mafalda sobre cidadania e democracia. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/21570>. acessado em 30/08/2010, 21h15min.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: editora da USP, 2008.

GOMES, Graziella Mazieri. História em quadrinhos no ensino de História: Mafalda e a Guerra Fria. Monografia (Especialização em História Social e Ensino de História) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: 2009.

HOBBSAWN, Eric J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Schwarcz, 1998.

HOROWITZ, David (org.) Revolução e repressão. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MAGNOLI, Demétrio (org.) História da Paz: os tratados que desenharam o planeta. São Paulo: Contexto, 2008.

MINOIS, Geroges. História do riso e do escárnio. São Paulo: editora UNESP, 2003.

QUINO. Toda a Mafalda: da primeira á ultima tira. Martins Fontes, 2007.

SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do Século XIX à época da globalização. São Paulo: Saraiva, 2008.

SMITH, P. D. Os homens do fim do mundo: o verdadeiro dr. Fantástico e o sonho da arma total. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THOMPSON, Edward P. Exterminismo e Guerra Fria. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VANOYE, Francis. GOLOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas: Papirus, 1994.